MUSEU: EXPLOSÃO DE AGORA E ÁGORA DE CONEXÃO

Em julho de 1966, Hélio Oiticica lançou no colo do cosmos a sentença: "Museu é o mundo". A afirmação poética condensava dramas em condições de chuva e evaporava institucionalizações trágicas e cômicas. A sentença do artista explicitava a possibilidade de miscigenação do lírico, do épico e do dramático num mesmo contexto poético.

"Museu é o mundo", mesmo fazendo parte de um texto mais amplo que envolvia a apresentação de "Posição e programa", transformou-se ao longo dos últimos quase cinquenta anos num expressivo poema de um único verso, com extraordinária potência comunicacional, composto por quatro palavras que, em seu conjunto, dividem-se em seis ou sete sílabas métricas. Entre as quatro palavras, identificam-se dois substantivos ("museu" e "mundo"), um verbo ("ser") conjugado no tempo presente e na terceira pessoa do singular e um artigo definido ("o").

Os dois substantivos conectados por um verbo de ligação e um artigo definido constituem o esqueleto do poema [substantivo + verbo + artigo + substantivo = poema]. Aderidos a essa ossatura e dando-lhe sentido, encontram-se carnes, músculos, cartilagens, nervos, peles, unhas e pelos poéticos e políticos, de múltiplos e diferentes sentidos.

No poema "Museu é o mundo", Hélio sugere que museu é algo indefinido e impreciso e que o mundo é preciso e bem definido. Não se trata de um museu instituído, mas de uma prática (exemplo: Museu do Cortejo), de um fenômeno ou processo social, de um conceito ou categoria de pensamento que se revela no mundo, o mundo (todo ele) é, de algum modo, museu.

Esse poema, impregnado de um tom crítico, é desafiador. E um dos desafios que ele propõe é o seu próprio enfrentamento. Em outras palavras, a expressão "Museu é o mundo", está submetida a um processo de criação e recriação.

O diálogo com a estranha fórmula [substantivo + verbo + artigo + substantivo = poema] estimula um passeio por diferentes tempos verbais. Exemplos: "Museu foi o mundo"; "Museu era o mundo"; "Museu será o mundo"; "Museu seria o mundo"; "Museu sendo o mundo" e assim por diante.

Essa fórmula estranha e simples sugere e permite alterações. É por essa vereda que se pode subvertê-la e dizer: *Mundo é o museu*. Nesse caso, como parece evidente, mundo é indefinido e impreciso e o museu é preciso e bem definido. Trata-se do museu plasmado e ancorado na concretude do espaço (ágora) e do tempo (agora); por esse museu há um mundo que passa e se instala, expande e se exala. Tudo isso favorece a compreensão de que o museu é microcosmo social e plataforma de conexão.

Compreender os museus por esse atalho implica o entendimento de que eles, suas coleções e seus patrimônios produzem metamorfoses, deslocamentos, encantamentos, multiplicidades e fazem rizoma com o mundo, por eles passam múltiplas linhas de força, de fuga, de sobrevivência, de agenciamento e de resistência.

Mundo é o museu e museu é o mundo complementam-se e nos dois casos a vivência, a convivência, o encontro, a relação e a "experiência cotidiana", como diria Oiticica, fazem toda a diferença.

O que se diz dos museus, pode ser dito de *Musas*. *Musas* é o museu. *Musas* é o mundo. *Musas* são multiplicidades em movimento, vetores, pontos, cruzamentos, urdiduras, tecidos e planos que se oferecem ao mundo, vindos de algum canto, que se articulam e se conectam a um sem fim de agentes e de possibilidades, e não se esgotam neles.

Assim foram e, de algum modo, continuam sendo as *Musas* anteriores, atualmente disponíveis na página eletrônica do Instituto Brasileiro de Museus (http://www.museus.gov.br/publicacoes-e-documentos/revista-musas/).

O sonho de construir uma Revista Brasileira de Museus e Museologia nasceu de um diagnóstico bastante preciso e da identificação da inexistência de um periódico de caráter nacional, especialmente dedicado à articulação do museal com o museológico, sem perder as perspectivas políticas e poéticas.

Musas 5 confirma os compromissos anteriores e avança. Concebida e planejada em 2010, ela traz a marca das comemorações dos 50 anos de Brasília e do Museu República, por isso mesmo retorna conceitualmente à virada dos anos 50 para os anos 60 do século XX e coloca em diálogo o Catete e o Catetinho, o Palácio das Águias e o Palácio de Tábuas. Visitar o Museu da República e o Museu do Catetinho e entrevistar Magaly Cabral e Alessandra Ribeiro de Jesus, responsáveis por suas dinâmicas e conexões com a vida social, foi um desafio especial para a equipe de *Musas*.

O artigo de abertura "Museus na era da informação: conectores culturais de tempo e espaço", de autoria de Manuel Castells situa os museus "no contexto das mudanças culturais e tecnológicas" do mundo contemporâneo e identifica um grande desafio ou eles se reinventam como "protocolos de comunicação para uma nova humanidade" ou permanecem como "peças de museus" e tornam-se "mausoléus da cultura histórica reservados para o prazer de uma elite global".

Na sequência, os artigos de Fernando Barona Tovar, João Pacheco de Oliveira e Luiz Barros Montez estabelecem entre si um produtivo e instigante diálogo. Barona Tovar reflete sobre a possibilidade de uma "etnomuseologia" e sua relação com a polifonia e a diversidade cultural na Colômbia, examina e problematiza a relação entre "museu, memória e 'identidade nacional' " e discute a possibilidade do museu atuar como "agente reparador do passado"; João Pacheco desenvolve, a partir de uma pintura de matriz europeia retratando um jovem bororo, um texto que explicita preconceitos, discute procedimentos artísticos e museológicos que operam com "representações forjadas" e, por fim, aponta para o desafio de se investir na recontextualização das coleções e dos museus etnográficos; Luiz Barros Montez aplica-se ao exame das ações e dos discursos de Johann Natterer, líder da expedição científica austríaca ao Brasil (iniciada em 1817) e notável colecionador de artefatos de origem brasileira, atualmente depositados em museus da Áustria.

O artigo de Nilson Moraes analisa a construção de políticas públicas de cultura e o de Mario Chagas dialoga sobre os impactos das crises econômicas no mundo dos museus.

O texto de Marcio Ferreira Rangel, assim como o texto de Roberta Nobre e Marcus Granato tratam das características, trajetórias e performances dos museus de ciências.

Enquanto o artigo de Rosana Pavoni apresenta os primeiros resultados do projeto de "classificação dos museus-casa" desenvolvido no âmbito do Comitê Internacional de Museus-Casas Históricas (DEMHIST) do Conselho Internacional de Museus, o artigo de Rosângela Britto e Luiz Borges analisa o processo de musealização e requalificação do patrimônio histórico da cidade de Belém, no estado do Pará.

Dialogando com o "museu de grandes novidades" apresentamos em Musas 5 uma nova seção: "Literatura é coisa de museu" e, de modo especial, apresentamos uma entrevista com Carlos Felipe Moisés, responsável pela exposição "Fernando Pessoa: plural como o universo"

A seção Muselânea traz o artigo de Vera de Alencar e Paulo Sá "Museu e arquitetura: a construção do edifício anexo ao Museu da Chácara do Céu" que apresenta as soluções estéticas e funcionais que pautam a proposta de construção do edifício anexo para o museu. Muselânea também apresenta textos dos seguintes autores: João Luiz Domingues Barbosa, Samuel Barros de Medeiros Albuquerque, Zuzana Paternostro e Marcelo Gonczarowska Jorge. O primeiro trata a cidade como um bem cultural e dedica-se, de modo especial, ao patrimônio histórico e ao município de São João del Rei; o segundo cuida de registrar algumas notas visando a construção historiográfica do curso de Museologia da Universidade Federal de Sergipe; o terceiro concentra-se na identificação e no estudo de obras de Frans Post existentes em acervos estrangeiros e suas correspondências com as coleções brasileiras; o quarto apresenta um estudo inspirador que critica a desvalorização da arte do século XIX e propõe um novo olhar para a denominada "arte acadêmica".

Nesse número de *Musas,* temos um total de dezessete artigos, três entrevistas e a participação de vinte e oito autores, incluindo entrevistadores, entrevistados, tradutores, ensaístas e pesquisadores. *Musas* é um periódico consolidado. A sua importância e a sua valorização refletem-se na boa acolhida que tem junto a professores, estudantes e profissionais do campo museal. *Musas* faz rizoma com o mundo. *Musas* é o mundo. *Musas* é o museu.

Mario Chagas
Diretor do DEPMUS/ Ibram